



MUSICOTERAPIA: UMA ESTRATÉGIA DE AUTORREFLEXÃO NA VIDA DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

MUSIC THERAPY: A STRATEGY OF SELF-REFLECTION IN THE LIFE OF ADOLESCENTS IN A SOCIAL VULNERABILITY SITUATION

Gabriele Simião de Figueredo^I

Maria Izabel de Amorim^{II}

Resumo: A vulnerabilidade social ocupa um grande espaço na sociedade. É possível identificá-la em desvantagens, tanto econômicas como sociais, necessidades não atendidas, insegurança e a incapacidade para lidar com as situações. O presente artigo teve como objetivo identificar como a musicoterapia pode servir como estratégia de autorreflexão para adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e abordagem qualitativa, na qual foram utilizados artigos de campo e relatos de experiência. A análise de literatura foi desenvolvida nas bases de dados SCIELO e Google Acadêmico. Foram localizados apenas três artigos nas referidas bases, publicados nos últimos dez anos, que correspondiam aos critérios de inclusão e exclusão. Os resultados mostram que a musicoterapia pode ser uma importante e benéfica aliada para atender adolescentes, que se encontram em situação de vulnerabilidade social, compreendendo que a mesma tem como objetivo desenvolver potenciais e restabelecer as funções do indivíduo para que se possa alcançar uma melhor integração intra e interpessoal e, consequentemente, uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: Musicoterapia. Adolescentes. Vulnerabilidade Social.

Abstract: Social vulnerability occupies a large space in society. It is possible to identify it in disadvantages, both economic and social, unmet needs, insecurity and the inability to deal with situations. This article aimed to identify how music therapy can serve as a self-reflection strategy for adolescents in situations of social vulnerability. This is an exploratory bibliographic research with a qualitative approach, in which field articles and experience reports were used. The literature analysis was developed in the SCIELO and Google Scholar databases. Only three articles were found in these databases, published in the last ten years, which met the inclusion and exclusion criteria. The results show that music therapy can be an

^IArtigo apresentado como trabalho de Conclusão do Curso na graduação em Psicologia, como requisito parcial para obtenção do título Psicólogo (a) pela Universidade do Sul de Santa Catarina. 2020.

^{II}Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: gabisimiao@hotmail.com

^{III}Mestre em Educação. Maria Izabel de Amorim professora na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

important and beneficial ally to assist adolescents, who are in a situation of social vulnerability, understanding that it aims to develop potentials and restore the individual's functions so that a better intra integration can be achieved and interpersonal and, consequently, a better quality of life.

Keywords: Music therapy. Adolescents. Social Vulnerability.

INTRODUÇÃO

A música está presente em diversos momentos da vida das pessoas, sendo um deles no uso terapêutico. A investigação dos efeitos terapêuticos da música, bem como sua utilização com objetivos curativos e preventivos, é milenar. São encontrados e descritos em vários documentos históricos de diferentes culturas, tais como egípcios e gregos, sendo, nesta última, especialmente apreciados por filósofos, tais como Pitágoras, Platão e Aristóteles. O interesse persistiu e, no século XVIII, apareceram os primeiros artigos sobre o efeito da música no tratamento de inúmeras doenças e suas influências sobre a mente humana (CÔRTE; NETO, 2009; HATEM; LIRA; MATOS, 2006; OLIVEIRA; GOMES, 2014).

Nesse contexto, a musicoterapia é uma modalidade que vem ganhando espaço e visibilidade por apresentar benefícios à saúde.

De acordo com a Federação Mundial de Musicoterapia (1996):

O conceito de musicoterapia consiste em uma intervenção que utiliza a música e seus elementos, por uma pessoa qualificada, para promoção de aprendizagem, aquisição de novas habilidades, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida. Pode ser aplicada como prevenção, reabilitação ou tratamento.

Considerando os pontos positivos da musicoterapia, foi pensado em como ela pode servir para os adolescentes em situação de vulnerabilidade social, uma vez que, de acordo com Silva *et al.* (2016, p. 2) “[...] o uso da música tem significância quando utilizada de forma terapêutica com a finalidade de diminuir os níveis de estresse, ansiedade e desconfortos”. O período da vida definido como adolescência é uma etapa natural do desenvolvimento humano. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (ECA, 1990).

Ademais, esta fase da vida está vinculada a um momento de socialização e construção identitária, rico em possibilidades de descobertas, mudanças, experimentação de papéis, novas experiências, condutas e situações sociais (DORON; PAROT, 2000; ERICKSON, 1976; OSÓRIO, 1992). A adolescência é, então, conhecida e caracterizada naturalmente por

inúmeros desafios, e, quando esta fase é afetada por questões de vulnerabilidade social, é preciso um olhar mais atencioso.

O termo vulnerabilidade já assumiu várias conotações, entre estas, designando grupos ou indivíduos fragilizados, juridicamente ou politicamente, que necessitam de auxílio e proteção para a garantia de seus direitos como cidadãos. O vulnerável carrega, nesse sentido, a ideia do mais fraco, ou seja, aquele que está em desvantagem quanto ao critério de distribuição (renda, serviços, qualidade de vida, educação e saúde) e que é alvo de políticas públicas específicas de auxílio e de busca de garantia de direitos (AYRES *et al.*, 2009; FIGUEIREDO; NORONHA, 2008). Ainda, para o autor Fonseca *et al.* (2013), “[...] No Brasil, as principais vulnerabilidades que acometem as crianças e os adolescentes são os riscos inerentes aos problemas relacionados ao alcoolismo e conflitos entre casais, que tornam crianças testemunhas de agressões e de toda a forma de violência”.

Inicialmente, a escolha do tema surgiu pelo contato com a música e por grande afeição a esta forma de arte, além do interesse de pesquisar sobre adolescentes que se encontram em vulnerabilidade social. A musicoterapia caracteriza-se como uma forma alternativa de tratamento terapêutico, podendo ser benéfica em vários aspectos, tais como: desenvolver habilidades sociais, fortalecer a memória, aliviar o estresse, permitir foco e concentração, entre outros.

O autor Areias (2016, p. 2) enfatiza que “[...] parece claro que a música é transformadora e capaz de criar estados psíquicos e físicos diferentes no ser humano. É uma forma de expressar emoções e sentimentos em campos tão diferentes como o social, econômico, ambiental ou religioso”. Sendo assim, tendo como objetivo conhecer os efeitos positivos que a musicoterapia pode oferecer para o público de adolescentes em vulnerabilidade social, bem como ser uma aliada para a psicologia, pensou-se em interligar os dois assuntos. Diante disto, apresenta-se a problemática da pesquisa: Como a musicoterapia pode ser estratégia de autorreflexão para adolescentes em situação de vulnerabilidade social?

CONTEXTUALIZANDO A MUSICOTERAPIA

A música é uma das formas de manifestações culturais mais antigas e sempre ocupou um espaço importante no cotidiano das pessoas. Cada país apresenta uma história diferente com a música devido sua cultura. No Brasil, por exemplo, os índios faziam música com chocalhos, flautas e tambores como forma de acompanhamento nas danças em círculo. Na pré-história, a música produzida pelos homens e mulheres de então era essencialmente uma

forma de comunicar, uma expressão da comunidade para consigo e com outros seres humanos (FREGTMAN, 1989, p. 34).

O autor Magnani (1996, apud CUNHA; ARRUDA; SILVA, 2010, p. 13) afirma que:

Nestas civilizações antigas, a arte configurava-se como um elemento social. A música acompanhava as atividades da vida cotidiana e preenchia os rituais e as cerimônias místicas. As melodias eram cantadas para acompanhar as dramatizações. Quatro séculos antes de Cristo, Pitágoras escutava a melodia das esferas e, por meio dela, promovia a união e purificava as faculdades psíquicas de seus seguidores. Mais tarde, Platão e Aristóteles conferiram um cuidado especial para o uso e aplicação da música por acreditarem na influência efetiva dos poderes musicais na formação do cidadão grego.

Os filósofos gregos Platão e Aristóteles tiveram um papel importante na jornada da musicoterapia. Platão estimulava o uso da música como forma de tratamento para a saúde da mente e do corpo para que pudessem vencer as angústias fóbicas. Aristóteles, por outro lado, se interessava em descrever os efeitos benéficos que a música poderia causar nas emoções incontroláveis e para provocar a catarse das emoções (LEINIG, 1977,). Segundo Verdeau-Paillés (1995, p. 130), “[...] A melhor educação seria aquela que fosse conseguida através da música, visto que a harmonia e o ritmo conseguem penetrar no mais íntimo do ser, fornecendo sabedoria”.

No entanto, a música passou a ser compreendida como uma força terapêutica e harmonizadora que prevalecia na estética e educação musical. Esta compreensão deu início à história da musicoterapia, que encontra seu primeiro capítulo oficial no cenário pós Segunda Guerra Mundial, quando experiências musicais foram sendo utilizadas por músicos, em hospitais de reabilitação, para entreter egressos que sofriam emocionalmente ou mesmo que estavam em processo de reabilitação física (LEINIG, 1977; CHAGAS; PEDRO, 2008).

Devido à utilização da musicoterapia em hospitais americanos e seus benefícios, foi criada a Associação Nacional de Musicoterapia nos Estados Unidos da América, que tinha como intuito tornar a musicoterapia um curso superior em contribuição com escolas médicas e hospitais, bem como impulsionar o uso gradual da música na medicina e contribuir na formação de profissionais qualificados. Desta forma, no ano de 1950 a musicoterapia passou a ser reconhecida como uma profissão. (LEINIG, 1977).

Posterior a este fato, a musicoterapia passou a ganhar espaço no meio acadêmico e profissional e hoje se encontra espalhada por todo o mundo e que, em países como o Brasil ou os Estados Unidos da América, é ciência fulcral para a reabilitação e cuidado em saúde (LEINIG, 1977). Atualmente, a musicoterapia está sendo utilizada em escolas, clínicas, hospitais, centros residenciais, creches, asilos para idosos, casas de repouso, hospitais

psiquiátricos, prisões, centros comunitários, workshops e práticas privadas (BRUSCIA, 1989).

DEFININDO A MUSICOTERAPIA

A musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o musicoterapeuta ajuda o cliente a promover a saúde, utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança (BRUSCIA, 1989). É um método psicoterapêutico que tem como objetivo se infiltrar e aprimorar os canais de comunicação entre as pessoas em um contexto não verbal. Em sua execução, ela faz o uso da linguagem musical através de seus elementos e instrumentos musicais (LOROÑO apud VARGAS, 2010).

Para o autor Benezon (1998):

A Musicoterapia é o campo da medicina que estuda o complexo som – ser humano – som, para utilizar o movimento, o som e a música, com o objetivo de abrir canais de comunicação no ser humano, para produzir efeitos terapêuticos, psico e profiláticos de reabilitação no mesmo e na sociedade.

A musicoterapia é um híbrido de duas áreas, a música e a terapia. Ela também é considerada uma disciplina transdisciplinar pelo fato de conseguir se interligar com outras e não trabalhar de forma isolada. Existem diversas disciplinas que podem se conectar com a musicoterapia, como psicologia, artes, saúde, medicina, educação, e assim por diante. Ela é a um só tempo arte, ciência e humanidade (BRUSCIA, 1989)

Ainda, para o autor Bruscia (1989, p.35):

Como uma arte, está preocupada com subjetividade, individualidade, criatividade e beleza. Como uma ciência, está preocupada com objetividade, universalidade, replicabilidade e com a verdade. Como uma das humanidades, está preocupada com processos interpessoais de todos os níveis, incluindo comunidade, sociedade e cultura.

Nesta dialética, a musicoterapia é uma ferramenta que utiliza harmonias e letras e consegue fornecer aos participantes, tanto no individual como em grupo, bem-estar, autoestima e uma boa comunicação com os outros. Nesse sentido de acordo com Cunha (2003, apud CUNHA; VOLP, 2008, p.93), esta modalidade vem ocupando um espaço de extrema importância na vida das pessoas.

As atividades mais utilizadas em musicoterapia incluem cantar, tocar instrumentos musicais, compor, improvisar com a voz ou com os instrumentos, ouvir música e realizar

jogos musicais (MOSSLER *et al.*, 2011; TREUNICHT *et al.*, 2011). Os instrumentos de corda e os de metais são bastante utilizados, pois apresentam um grande potencial de ressonância e harmonização, podendo ser: violões, teclados, flautas, liras, tambores, pandeiros, carrilhões, entre outros. A musicoterapia faz com o que o indivíduo desenvolva habilidades musicais, como reprodução de ritmo, melodia, identificação e facilidade para tocar variados instrumentos.

ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma fase complexa e dinâmica do ponto de vista físico e emocional na vida do ser humano, caracteriza-se por ser a passagem da infância para a vida adulta. Nesse período, acontecem inúmeras mudanças, tanto físicas como psicológicas e sociais. Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é definida pelo período de vida que se inicia aos 10 anos e se encerra aos 19 anos completos. Por outro lado, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos (ECA, 1990).

Usualmente, a adolescência co-ocorre com a puberdade, um efeito biológico que contém uma sucessão de acontecimentos que são estimulados por conta do aumento dos hormônios (adrenal e gonadal), que também são responsáveis pelo desenvolvimento de características sexuais, mudanças no músculo e na gordura. O autor Berger (2003) enfatiza que a adolescência se inicia com as transformações da puberdade. Nos meninos, é possível perceber a aparição de pêlos pubianos, a barba, mudança na voz, aumento da estatura, bem como o crescimento acelerado dos órgãos sexuais. Por outro lado, as meninas passam pelo processo de ovulação, desenvolvimento dos seios e mudança na voz (CAMPOS, 1998).

Neste contexto, a adolescência é compreendida como uma fase de indisciplina, desrespeito e rebeldia. A adolescência é vista como um período onde o indivíduo se torna uma pessoa difícil de lidar, cheio de indecisões e crises. De acordo com Jawroska e Macqueen (2015), é possível constatar as mudanças no âmbito social e escolar. Os indivíduos gastam menos tempo com os pais e mais tempo com os colegas. Passam a ter mais autonomia, querer mais independência e, ao mesmo tempo, ocorre o aumento de atitudes de risco e reação emocional. Muitas pessoas costumam nomear esta fase como “aborrescência” (FROTA, 2007).

Para o autor Tiba (2005, p.42):

Aborrescência é a adolescência tumultuada, que incomoda os pais. Acostumados a lidar com filhos crianças, os pais agora tem que se reorganizar perante os adolescentes, os pais também podem ser os “aborrecentes” dos filhos. É necessário que os pais adoleçam (rejuvenesçam) junto com seus filhos adolescentes (crescentes).

Esta fase vai muito além de alterações físicas. Os autores Jawroska e Macqueen (2015, p. 4) enfatizam que “[...] além de a adolescência começar em meio às alterações físicas da puberdade, ela capacita o jovem a transcender do pensamento concreto para o pensar abstrato e hipotético”. Começam a surgir certas mudanças em relação aos pais, à nova independência e com a compreensão de si mesmo. Essas modificações são antecedentes da vida adulta, tornar-se adulto não significa a proporção de inteligência, mas sim maturidade social. (JAWROSKA; MACQUEEN, 2015).

O autor Tiba (2005) explica que as características biológicas têm certo tempo para surgir, isto é, com uma idade definida. Em contrapartida, as características psicossociais vão se desenvolvendo na medida em que o adolescente se encontra em situações onde ele precisa resolver conflitos. São nesses momentos que o adolescente vai amadurecendo, aprendendo a lidar com situações da rotina e se constituindo como adulto.

CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

A constituição da identidade é um processo extenso e contínuo, que tem predominância na fase da adolescência (ERIKSON, 1968). Nesta fase, é comum existir comportamentos de distanciamento, passam menos tempo com os pais e mais tempo com seus novos amigos, descobrindo e criando novos programas. Neste sentido, pode-se entender que as relações sociais, construídas ao longo do curso da vida, vão estabelecendo diferentes tipos de representações e associações na constituição da identidade dos indivíduos, e podem ser classificadas como primárias e secundárias.

Segundo Berger E Luckmann (1973, p.175):

A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.

Os familiares têm um papel fundamental e importante na vida de seus filhos, podendo ser considerada a socialização primária dos mesmos, pois são estes que educam para que o indivíduo possa viver em sociedade. Por outro lado, na adolescência, o contato com outros grupos faz com que ele adquira novos conhecimentos para se descobrir de novas formas e, então, criar sua própria identidade. Desta maneira, a identidade é formada entre sociedade e indivíduo, podendo ser alterada em uma boa medida, em um processo que inclui a identificação própria e a identificação reconhecida por outros (HABERMAS, 1990).

VULNERABILIDADE E EMPODERAMENTO

O conceito de vulnerabilidade passou a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas acadêmicas, governamentais e na vida cotidiana. As desigualdades sociais, o desequilíbrio estrutural e pessoal, bem como o aumento de estresse em alguns indivíduos parecem se intensificar na sociedade e políticas sociais contemporâneas (BROWN; ECCLESTONE; EMMEL, 2017).

No conjunto de obras literárias, é possível perceber que se faz uso do termo vulnerabilidade para debater adversidades ou desigualdades. Entre elas, tem-se como destaque: desvantagem econômica ou social, necessidades não atendidas, insegurança e a pouca capacidade para lidar com as situações. Neste sentido, o vulnerável carrega consigo a ideia do mais fraco, isto é, o indivíduo que está em desvantagem em relação à distribuição (renda, serviços, qualidade de vida, educação e saúde) tornando-se, então, alvo de políticas públicas específicas de auxílio e de busca de garantia de direitos (AYRES *et al.*, 2009; FIGUEIREDO; NORONHA, 2008).

Neste contexto, o autor Wilson (1996) destaca que pesquisadores, organizadores, políticos e empregadores reconhecem que a mudança individual é um pré-requisito para a mudança e o empoderamento da comunidade social. Desta forma, essa síntese de mudança individual e coletiva é a compreensão de um processo de empoderamento. (WILSON, 1996; FLORIN; WANDERSMAN, 1990; SPEER; HUGHEY, 1995).

O empoderamento é um conceito compartilhado por muitas áreas e disciplinas: psicologia, desenvolvimento comunitário, educação, estudos de movimentos, economia, organizações sociais, entre outros. Cada disciplina entende o empoderamento de uma forma. Como definição geral, o empoderamento é um processo social multidimensional que auxilia as pessoas a ganhar controle sobre suas próprias vidas. É um processo que promove o poder

(isto é, a capacidade de implementar) nas pessoas, para uso em suas próprias vidas, comunidades e sociedade, agindo sobre questões que eles definem como importantes (CZUBA, 1999).

Por outro lado, no Brasil, existem dois significados que são utilizados com mais frequência: Um menciona ações determinadas a promover a integração dos excluídos à sobrevivência, serviços públicos, entre outros. O outro menciona o processo de práticas e movimentos que tem como objetivo impulsionar e promover grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia (GOHN, 2004).

ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE

No Brasil, os principais casos de vulnerabilidade que envolvem as crianças e os adolescentes estão ligados à residência que, geralmente, encontra-se em condições precárias da oferta de serviços públicos e de instituições. Outro risco são os conflitos de casais, uso do álcool, brigas e violência, fazendo com que as crianças sejam testemunhas das situações ocorridas. Nota-se, também, a falta de lugares destinados ao lazer, as relações de vizinhança e a proximidade da localização dos pontos de venda controlados pelo tráfico de drogas (FONSECA; SENA; SANTOS; DIAS; COSTA, 2013)

Ainda, de acordo com Fonseca *et.al.* (2013, p. 3):

Além de todos esses riscos, podem-se destacar os riscos do trabalho infantil e o da exploração da prostituição de crianças. Ademais, a personalidade e o comportamento de crianças e adolescentes podem torná-los mais vulneráveis aos riscos do envolvimento com drogas, gravidez precoce e prática do roubo. Considera-se que o indivíduo poderá também possuir um favorecimento genético para dependência química e vulnerabilidade psicofisiológica ao efeito de drogas.

As principais infrações contra as crianças e adolescentes são o abandono, o trabalho e a exploração sexual. Ainda se apresentam elevados os índices de violação dos direitos contra esse grupo. Desta forma, é nítida a importância e a necessidade de ações que tenham como intuito a educação para empoderamento dos grupos em estado de vulnerabilidade, para que se tornem sujeitos mais conscientes e críticos dos seus direitos legais, promovendo o exercício da cidadania, bem como a formação e o desenvolvimento de novos comportamentos.

ADOLESCENTES E EMPODERAMENTO

O empoderamento é uma forma de dar consciência ao indivíduo para que ele possa fazer escolhas sobre seu estilo de vida. O autor Paulo Freire (2005, p. 2) defende que “[...] a pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer”. O empoderamento tem raízes nas lutas pelos direitos civis, assumindo significações que se referem ao desenvolvimento de potencialidades que viabilize a democracia (BAQUERO, 2001).

O adolescente que se encontra em situação de vulnerabilidade geralmente não tem fácil acesso à educação, encontra-se em desvantagem social e econômica. Quando o indivíduo toma consciência de quem ele é, passa a reconhecer sua posição na vida, o contexto da cultura e sistema de valores. Passa a perceber seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações, que são entendidas como qualidade de vida, bem como o amor, liberdade, felicidade, solidariedade, realização pessoal e inserção social, estilo de vida, nível de independência, relações sociais e crenças pessoais. Estes, por sua vez, se relacionam à saúde (THE WHOQOL GROUP, 1995).

Neste sentido, a musicoterapia pode servir como uma grande ferramenta para auxiliar neste processo de empoderamento de adolescentes, visto que, na vida social, ela estimula a capacidade interativa e de comunicação, ocasionando a socialização e melhora dos aspectos culturais, biológicos, físicos e emocionais. A musicoterapia tem um efeito positivo na melhoria da capacidade de habilidades sociais e pré-verbais, como iniciativa, resposta, imitação, vocalização (MULLER; WARWICK, 1993; BUNT, 1994; EDGERTON, 1994; ALDRIDGE *et al.* 1995; PLAHL, 2000; ELREFANT, 2002; OLDFIELD, 2003).

MÉTODO

O estudo em que se pauta o presente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica e caráter exploratório. Para obtenção dos resultados almejados, foi realizado um levantamento nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores: musicoterapia, adolescentes e vulnerabilidade social. Como demarcador de tempo utilizou-se critérios de inclusão, que as publicações tivessem ocorrido no período

entre 2010 e 2020 e que fossem artigos nacionais publicados em língua portuguesa com textos completos.

Com auxílio dos descritores e com os critérios de inclusão, foi possível encontrar materiais que se relacionaram com o tema proposto. Em um primeiro momento, foram encontrados o total de cinco artigos que correspondiam aos critérios estabelecidos.

A partir da leitura integral dos artigos selecionados, viu-se se a necessidade de fazer um recorte maior na temática para que a mesma não se desviasse do foco principal, sendo necessário descartar mais dois artigos. Desta forma, restaram três artigos, que foram os objetos de estudo desta pesquisa.

Na sequência os principais aspectos dos referidos artigos foram colocados em um quadro e visando possibilitar uma análise e discussão dos resultados de modo aprimorado, se dividiu a análise em três grandes tópicos: Instrumentos utilizados para atender adolescentes em situação de vulnerabilidade social; Impactos positivos da musicoterapia para atender adolescentes em situação de vulnerabilidade social; Musicoterapia como forma de empoderamento para adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De posse da síntese realizada dos artigos que foram objeto de estudo desta pesquisa, organizou-se o quadro a seguir: As informações obtidas por meio dos resultados dos estudos encontrados serão discutidas na seção seguinte.

Quadro 1: Descrição dos resultados da investigação bibliográfica.

AUTOR/ANO	TÍTULO	MÉTODO	OBJETIVO	RESULTADOS
Santos (2011)	Contribuições da musicoterapia para o fortalecimento da subjetividade de adolescentes participantes de um projeto social.	Pesquisa qualitativa, realizada com sete adolescentes com idades entre 10 e 13 anos participantes do centro de formação da Igreja Católica, localizada em Porto Alegre – RS.	Investigar como a Musicoterapia contribuiu para o fortalecimento da subjetividade de um grupo de sete adolescentes com idades entre 10 e 13 anos.	Constatou-se que a Musicoterapia contribuiu para o fortalecimento da subjetividade dos adolescentes que participaram do projeto social.
Netto (2020)	Grupo musical como contexto para promoção do desenvolvimento positivo de adolescentes.	Pesquisa qualitativa, realizada com onze adolescentes com idades entre 10 e 17 anos participantes do Programa Música Viva, localizado em Santa Cruz de Minas – MG.	Investigar se, e como, o Programa Música Viva, realizado em uma cidade do estado de Minas Gerais, Brasil, promove o desenvolvimento positivo de adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social.	Os resultados mostraram que o programa favorece o desenvolvimento positivo dos sujeitos, uma vez que, ao oferecer-lhes aulas gratuitas de instrumentos musicais, oportuniza a esses jovens o acesso à cultura e ao lazer e, assim, possibilidades mais amplas de exercerem suas cidadanias, mudarem suas trajetórias de vida e se desenvolverem de maneira saudável.
Souza (2017)	A música como prática de promoção da saúde na adolescência.	Pesquisa qualitativa, realizada com oito adolescentes integrantes do coral em Chapecó – SC.	Compreender a percepção dos adolescentes participantes de um canto coral, acerca da utilização da música como instrumento para promover a saúde.	A prática da música, por meio do canto coral, é capaz de promover a saúde, trazendo benefícios físicos, emocionais e sociais para os adolescentes.

Fonte: Elaborado pela autora a partir da revisão de literatura.

INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA ATENDER ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Como primeiro eixo, no que se refere aos instrumentos utilizados, o artigo de Santos (2011) descreveu-os de forma precisa, sendo estes: dois pandeiros pequenos, um pandeiro grande, dois paus de chuva, quatro caxixis, um triângulo, um bongô, um ovinho sonoro, um agogô, uma alfaia, um chocalho triplo e dois ganzás. Acrescenta ainda os recursos utilizados, que foram: ficha musicoterápica, preenchida na primeira sessão; entrevistas, realizadas na penúltima sessão; relatórios, realizados ao final de cada sessão.

Nesta experiência descrita por Santos (2011), os instrumentos foram os objetos principais para que os participantes pudessem iniciar suas experiências musicais. Durante os encontros, os adolescentes experimentaram a improvisação musical. O Dicionário Grove de Música define a improvisação musical como “[...] a criação de uma obra musical, ou de sua forma final, à medida que está sendo executada. Pode significar a composição imediata da obra pelos executantes, a elaboração ou ajustes de detalhes numa obra já existente, ou qualquer coisa dentro desses limites” (LIMA, 1995, p. 2).

Em seu artigo, Santos relata que houve um momento no grupo onde um dos participantes utilizou um pandeiro para tocar ritmos de capoeira. A capoeira é uma expressão cultural brasileira praticada em roda, dentro dessa roda é possível encontrar arte marcial, esporte, cultura popular, dança e música. Durante a roda de capoeira, encontra-se instrumentos como o berimbau, o pandeiro e o atabaque e são entoadas cantigas que têm seu refrão repetido por todos os participantes. Nesta perspectiva, foi possível compreender que o instrumento serviu como intermédio para o participante se expressar em grupo (SANTOS, 2011).

Ainda no artigo de Santos, este descreve que ao decorrer dos encontros, também surgiu a expressão corporal. Houve um momento em que uma participante tocou um solo imaginário de guitarra. Para o autor Peirce (1977, p.71) “[...] a expressão corporal é entendida como linguagem em si mesma, quando constituída por gestos espontâneos, deflagrados por estímulos diversos, que possibilita às crianças construir relações interpretantes/interpretativas no fluxo dos signos assim desencadeado e, portanto, produzir conhecimentos”.

Entende-se que músicas do gênero de rock costumam estar presentes no contexto de adolescentes, visto que expressam rebeldia. Por outro lado, permitem o movimento corporal, sendo esta uma forma de extravasar. A participante contou que, nas quintas-feiras, se via muito estressada por conta das atividades escolares. Compreende-se que a expressão corporal da participante foi uma forma de “desestresse” (SANTOS, 2011).

E, por fim, os adolescentes experimentaram a composição musical. O autor Madalozzo (2015, p. 9) define que “[...] a composição musical é o momento em que o aluno toma os elementos sonoros e os organiza em forma de um discurso com intenção de ser música. Por isso, esse processo é tão fundamental no aprendizado, uma vez que está relacionado não só à produção artística, mas também à possibilidade de expressão da sensibilidade do aluno”.

Continuando na descrição feita por Santos, em seu artigo, o pesquisador sugeriu aos participantes que fizessem exercícios de concentração, bem como exercícios de técnica vocal, para que na seqüência, fosse possível realizar a composição musical. A composição foi feita através da junção dos instrumentos e das ideias de cada participante. Obtiveram como inspiração momentos de suas vidas para desenvolver a letra e assim, fizeram uma paródia da música “Paga Pau” da dupla Fernando e Sorocaba.

Perante o exposto, percebe-se que os instrumentos de musicoterapia para atender adolescentes em situação de vulnerabilidade social não se limitam aos objetos. Além dos instrumentos, existem diversas estratégias que podem ser utilizadas para um aprendizado concreto.

IMPACTOS POSITIVOS DA MUSICOTERAPIA EM ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Com relação aos impactos positivos da musicoterapia em adolescentes em situação de vulnerabilidade social, foi possível identificá-los nos três estudos selecionados. No artigo de Souza (2017) viu-se que a música, muitas vezes, é utilizada para expressar sensações, emoções e sentimentos. Compreende-se que a música foi uma ferramenta importante neste processo, pois através dela os adolescentes encontraram uma forma de comunicação e expressão.

Identificamos isto nas falas, descritas por Souza (2017), dos participantes abaixo:

A música é um meio de se expressar, de canalizar tanto uma raiva, uma tristeza, qualquer emoção e isso ajuda a expandir nossa mente. (Sol)

Através da música você pode se expressar, não guardar os sentimentos só para você.
(Lá)

As dissertações de Netto (2020) e Souza (2017) mostraram que os adolescentes adquiriram novos padrões de funcionamento quando aprenderam a tocar instrumentos musicais e, por consequência disso, houveram melhorias em diversas áreas de suas vidas,

sendo um destes, o desempenho escolar. Souza (2017) afirma que, quando questionado aos adolescentes sobre o contexto escolar, surgiram falas que mostraram grande progresso, como exemplo: na apresentação de trabalhos, superação da timidez e comunicação.

Abaixo, fala dos participantes:

“antes eu era mais tímida, depois do coral, agora eu estou me soltando mais”. (Ré)

“que nem tinha aquela coisa de poesia que tem aqui na escola que ninguém conseguia e depois do coral, eles já começaram se soltar mais, conseguir falar em público.” (Fá)

“antes, eu não queria apresentar trabalho de jeito nenhum, aí eu comecei a fazer aula numa escola de música e também no coral e eu estou me soltando mais.” (Lá)

“antes eu era envergonhada e não conseguia apresentar, agora, depois que comecei o coral, consigo.” (Dó)

No artigo de Netto (2020) este mostrou também que, para alguns adolescentes, a música passou a ser uma forma de refletir sobre o futuro profissional. Os participantes descobriram uma oportunidade de pensar em outros projetos para suas vidas. Esse desejo foi manifestado na fala dos jovens, quando questionados com o que pretendiam trabalhar, tais como nas falas dos participantes:

“Com música! [...] Ensinar os outros ou então até formar uma banda mesmo pra mim.” (Participante B)

“Pretendo trabalhar com música ou então veterinária. Mas eu prefiro música.” (Participante D)

“Meu sonho foi sempre ser cantora! Tocar também.” (Participante F)

No estudo de Souza (2017), é possível observar que um dos benefícios da participação de grupos musicais, bem como o contato individual com a música, é capaz de proporcionar a diminuição da ansiedade. O autor Areias (2016) enfatiza que “a música diminui significativamente o nível de ansiedade”.

Abaixo, fala de um dos participantes do estudo feito por Souza (2017):

eu sou bastante ansioso, mas quando começo a cantar no coral, daí passa a ansiedade. (Mi)

Ainda, para o autor Souza (2017), foi possível identificar que o fato de a música ter sido praticada em grupo fez com que os participantes construíssem vínculos. Ao fazer parte

do coral, surgiu a possibilidade de desenvolver amizades e de conhecer novas pessoas e lugares, como podemos ver abaixo, na fala dos participantes:

“No coral você conhece várias pessoas e lugares” [...]. (Fá)

“Numa apresentação as pessoas acabam cantando junto uma música e já viram amigos, já fazem vínculo com a gente e surgem novos amigos.” (Lá)

Com base nos aspectos mencionados, consegue-se constatar que a musicoterapia possui diversas potencialidades, impactando positivamente para melhorar a qualidade de vida como um todo. É capaz de diminuir os sintomas de ansiedade e estresse, desenvolver potenciais criativos, auxiliar indivíduos que apresentam dificuldade de aprendizado, bem como contribuir para a socialização dos participantes.

MUSICOTERAPIA COMO FORMA DE EMPODERAMENTO PARA ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

De acordo com a Federação Mundial de Musicoterapia, a musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e restabelecer as funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida (REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, p. 4, 1996).

Com base no artigo de Netto (2020), constatou-se que os adolescentes, ao participarem do projeto, passaram a ter um contato profundo com a música, desenvolveram a aptidão para trocar instrumentos musicais e atuaram como artistas dentro do espaço que lhes foi oferecido. De acordo com Bronfenbrenner (2017, p. 15) “[...] as variações que acontecem no desenvolvimento do indivíduo têm implicações em suas funções psicológicas”.

Deste modo, os participantes tiveram como resultado o aumento da autoestima e da autoconfiança. Vale ressaltar que houveram momentos no grupo em que alguns participantes afirmaram que a participação no projeto deu a eles confiança para acreditarem que são capazes de realizarem outras conquistas, desde que se dediquem a isso, assim como fizeram com a música (NETTO, 2020).

Na dissertação de Souza (2017), foi possível ver que o canto no coral serviu como um instrumento para a integração social, desencadeando um olhar de coralista para a sociedade, observando suas diferenças como cultura, o papel de cada pessoa dentro da sociedade em que vive.

Tal realidade pode-se observar no relato de um dos adolescentes:

“no coral você convive com vários tipos de pessoas, com pobre, gente mais rica, gorda, branca, negra... as pessoas ali não se diferenciam, a gente fica tudo junto e é praticamente uma família”. (Fá)

Segundo o autor Paulo Freire (2005, p. 2), “[...] a pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer”. O empoderamento é uma maneira de dar consciência ao indivíduo para que ele possa fazer escolhas sobre seu estilo de vida. Neste sentido, compreende-se que o espaço de música/musicoterapia oferecido aos adolescentes, foi capaz de empoderar os participantes, fazendo com que os mesmos encontrassem uma forma de tomada de consciência, abrindo espaço para novas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a musicoterapia como estratégia de autorreflexão para adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Os estudos selecionados apresentam dados de adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social, tendo prejuízos em questões como: poucos recursos financeiros, moradia, educação, bem como poucas oportunidades para seu desenvolvimento enquanto cidadão. Em virtude do que foi mencionado no decorrer da discussão, ficou evidente que a participação dos adolescentes em grupos e/ou projetos de música e musicoterapia pode servir como estratégia de autorreflexão.

Como discutido, a musicoterapia é uma intervenção que tem como objetivo a promoção de aprendizagem, aquisição de novas habilidades, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida. Pode ser aplicada como prevenção, reabilitação ou tratamento. Neste sentido, foi possível observar que os adolescentes tiveram um grande contato com a música e esse contato permitiu com que eles desenvolvessem habilidades musicais, tais como reprodução de ritmo, melodia, identificação e facilidade para tocar variados instrumentos.

Constatou-se que os adolescentes encontraram, através da musicoterapia, uma forma de reflexão de situações em diversos âmbitos de suas vidas, como no contexto escolar, familiar e profissional. O espaço gerou um impacto positivo, permitindo o reconhecimento social, aumento de confiança e de autoestima.

Tendo em vista que a fase da adolescência é marcada por mudanças, novas experiências, condutas e situações sociais, compreende-se que a musicoterapia serviu como

uma grande ferramenta de auxílio neste período de desenvolvimento. É válido ressaltar que jovens inseridos em um meio permeado pela vulnerabilidade social acabam muitas vezes tendo poucas oportunidades, sendo assim, espaços destinados a esse público são extremamente necessários, pois permitem com que o adolescente usufrua de um espaço de lazer, permitindo a expressão de sentimentos e emoções de forma artística, agregando sentidos, valores e sentimento de pertencimento.

Por fim, a musicoterapia, como apresentada anteriormente, é uma modalidade terapêutica que busca, através dos elementos musicais, agir como facilitadora em diversos âmbitos da vida para promover qualidade de vida. Neste sentido, entende-se que a musicoterapia pode ser uma grande aliada para a psicologia, tendo em vista que a música é capaz de despertar sentimentos, emoções e sensações que muitas vezes não se manifestam através da fala. Entende-se que novas pesquisas possam servir para auxiliar esta temática tão importante e pouco discutida.

REFERÊNCIAS

- Albino, C. A. **A importância do ensino da improvisação musical no desenvolvimento do intérprete**. 2009. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes de São Paulo, 2009.
- Alves, G. M. **A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma**. Criciúma, Jul., 2008.
- Anjos, A. G. **Musicoterapia como estratégia de intervenção psicológica com crianças: uma revisão da literatura**. Belo Horizonte. Rev. Interinst. Psicol, dez. 2017.
- Benezon, R. **Teoria da Musicoterapia – Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal**. Trad. Ana Sheila M. São Paulo: Summus, 1988.
- Brown, K.; Ecclestone, K.; Emmel, N. Review Article **The Many Faces of Vulnerability**. (2017) 16:3, 497–510 C Cambridge University Press 2017.
- Bruscia, K. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- Câmara, R. H. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações**. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), jul - dez, 2013,179-191.
- Collor, F.; Cabral, B.; Chiarelli, C.; Magri, A.; Procópio, M.. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Congresso Nacional**. Brasília Jul. 1990.

Da Silva, L. A. G. P.; Baran, F. D. P.; DAS Mercês, N. N. A. **A música no cuidado às crianças e adolescentes com câncer: Revisão integrativa.**

Dos Anjos, A. G.; Montanhaur C. D.; Campos, E. B. V.; Piovezana, A. L. R. P. D.; Montalvão J. S., NEME, Carmen Maria Bueno. **Musicoterapia como estratégia de intervenção psicológica com crianças: uma revisão da literatura.** Gerais, Rev. Interinst. Psicol. vol.10 no.2 Belo Horizonte dez. 2017.

Faria, D. A.; Brandalise, A. **Autorregulação: uma reflexão a partir da análise da musicoterapia e de outras áreas do conhecimento.** Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XIX nº 23 ANO 2017.

Fonseca, F. F.; Sena, R. K. R.; Dos Santos S.R. LA.; Dias, O.V.; Costa, S.M. **As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção.** Rev. paul. pediatr. vol.31 no. 2 São Paulo June 2013.

Fregtman, C. (1989). **Corpo, Musica e Terapia.** S. Paulo, Cultrix.

Frota, A. M. M. C. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção.** Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007.

Hamel, N. **Musicoterapia: A Escuta Terapêutica da Linguagem Musical.** 2006.

Holck, U. (2004). **Turn-taking in music therapy with children with communication disorders.** British Journal of Music Therapy, 18(2), 45-54.

Jawroska, N.; Macqueen, G. 2015. **Adolescence as a unique developmental period.** J Psychiatry Neurosci 40: 291–293. 10.1503/jpn.150268 - DOI - PMC - PubMed.

Madalozzo, T. **Composição Musical.** Arte-Educação. Universidade Estadual do Centro-Oeste Unicentro. Paraná. 2015.

Monteiro, D.H.M.; Feroseli, A.F.O. **Musicoterapia: Contribuição como ferramenta terapêutica no auxílio a tratamentos de patologias adversas inseridas no âmbito da saúde.** Ciências Biológicas e da Saúde | Maceió | v. 2 | n.2 | p. 91-110 | Nov 2014.

Netto, I.M.C.; Santos G.J.; Santos, L.M.M. **Grupo musical como contexto para promoção do desenvolvimento positivo de adolescentes.** Interface (Botucatu). 2020; 24: e190367.

Oliveira, C. C.; Gomes, Ana. **Breve história da musicoterapia, suas conceptualizações e práticas.** Atas do DO XII CONGRESSO DA SPCE, 2014.

Ribeiro, P. T. **Processos de Socialização da criança: Algumas considerações teóricas.** Amostra acadêmica; UNIMEP. 2011.

Revista Brasileira de Musicoterapia/ União Brasileira das Associações Musicoterapia. – v. 1, n. 1, (1996). – Curitiba, Ano XIX, ED. ESPECIAL, (2017).

Romão, S. L. S.. **Os diferentes caminhos da música – Um olhar sobre a musicoterapia**. Encontro Nacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente, 19 a 22 de outubro, 2015.

Salles, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 22, n. 1, p. 33-41, Mar. 2005.

Santos, E. I.; Gomes, A. M. T. **Vulnerabilidade, empoderamento e conhecimento: memórias e representações de enfermeiros acerca do cuidado**. Acta paul. enferm., São Paulo , v. 26, n. 5, p. 492-498, 2013.

Santos, H. S.; Silva, Teixeira, C.M.F.S.; Zanini, C.R.O. **Contribuições da musicoterapia para o fortalecimento da subjetividade de adolescentes participantes de um projeto social**. Santos. 2011. Revista: Anppom V.17, n.2

Santos GJ, Santos LMM. **Interlocuções entre Moreno e Bronfenbrenner no contexto de grupos musicais**. Rev Bras Psicodrama. 2017; 25(2):66-75.

Scott, J. B.; Prola, C.A.; Siqueira, A. C.; Pereira, C. R. R. **O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: Uma revisão sistemática da literatura**. 600 Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 600-615, ago. 2018.

Tiba, I. **Adolescente: quem ama, educa!** São Paulo: Integrare, 2005. 301p.

Valoura, L. (2011). **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador**. 2005/2006.

Van, D. L.; McLean, K.C., Meeus, W. et al. **Adolescents' Identity Formation: Linking the Narrative and the Dual-Cycle Approach**. J Youth Adolescence **49**, 818–835 (2020).

White, B. (2012). **Reflexões pessoais sobre o trabalho como musicoterapeuta, grupos de musicoterapia e produção musical**. Vozes: Um Fórum Mundial de Musicoterapia, 12 (2).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me guiar para os caminhos certos.

Aos meus avós, minha mãe e meu irmão que sempre estiveram do meu lado me apoiando ao longo de minha trajetória.

Ao meu amado Arthur, pelo carinho, compreensão e palavras de incentivo.

A minha orientadora, Maria Izabel de Amorim por sempre estar presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar.

Aos meus colegas, pelos momentos compartilhados.